

A MUSICOTERAPIA COMO MEDIADORA DO PROCESSO DE REABILITAÇÃO NEUROLÓGICA COM CRIANÇAS NA PRIMEIRA INFÂNCIA

Fernanda Franzoni Zaguini¹⁶

RESUMO

Na literatura da musicoterapia encontram-se autores que desenvolveram recentes estudos sobre peculiaridades dos elementos musicais que produzem efeitos na fisiologia do ser humano, assim como estudos que abordavam, desde a década de 1970, maneiras de se pensar sobre os elementos musicais diante de um processo de reabilitação neurológica. Neste estudo, objetiva-se investigar teoricamente a musicoterapia como ferramenta mediadora no processo de reabilitação neurológica de crianças na primeira infância.

Palavras-chave: Musicoterapia. Reabilitação. Neurologia.

ABSTRACT

In the literature of music therapy are authors who have developed recent studies on the peculiarities of the musical elements that produce effects on the physiology of the human being, as well as studies that since the 1970s have dealt with ways of thinking about musical elements in the face of a process Of neurological rehabilitation. In this study, the objective is to investigate music therapy as a mediator in the neurological rehabilitation process of children in early childhood.

Keywords: Music therapy. Rehabilitation. Neurology.

INTRODUÇÃO

Entende-se que a música vivenciada no dia-a-dia contribui com a constituição da subjetividade das pessoas. Dessa maneira, segundo Cunha et al. (2007), as sonoridades podem ser consideradas como elementos psicossociais e terapêuticos uma vez que possibilitam a expressão e interpretação da realidade interna de pessoas individuais e coletivas. A autora ressalta que a música, por estar presente na dinâmica do dia a dia, se configura como um elemento capaz de

¹⁶ Formada Musicoterapeuta na UNESPAR - Faculdades de Artes do Paraná em 2016 e Musicoterapeuta do Instituto de Saúde e Reabilitação. Curitiba /Ponta Grossa - PR.

agregar significado e sentido aos fatos vividos. A musicoterapia desde os meados do século passado se constitui como um campo prático e teórico cuja práxis está centrada na utilização do som e seus parâmetros como elemento terapêutico, na compreensão do homem e da sua musicalidade.

Para Cunha et al. (2007) a musicoterapia é uma ciência que utiliza a música e os fenômenos acústicos para promover, prevenir ou reabilitar as funções motoras, cognitivas e afetivas das pessoas. Sabe-se que o ritmo é potencializador da expressividade no processo musicoterapêutico. O ritmo musical, concebido como movimento ordenado sonoro, tem como primeira virtude, estimular os princípios de vida que animam o reino vegetal e então, segundo Edgar Willems (1975) é a nossa vida vegetativa (vida fisiológica, motriz e dinâmica) que ele mais se manifesta, e evidentemente, se trata de ser considerado um elemento da arte musical de movimento orgânico. Por isso, nos coloca à frente de um problema que em parte sempre irá escapar às investigações científicas e nos obriga a recorrer à intuição supramental, baseada na unidade da vida e na experiência de práticas rítmicas.

Para Willems (1975) o ritmo, considerando basicamente seu aspecto fisiológico, influencia todos os aspectos da vida vegetativa, que são: a respiração, a circulação sanguínea, a assimilação do oxigênio, a eliminação do gás carbônico, o sistema nutritivo, todos os movimentos do corpo e principalmente a marcha e todos os seus derivados: o correr, o saltar, a dança, a natação. A maior parte desses atos se cumpre muito melhor sem a intervenção da consciência reflexiva humana e podem, sem bloqueios, ser estimulado por elementos da vida afetiva.

O ritmo é tão importante quanto à melodia. Sabe-se que melodia é uma sucessão coerente de sons e silêncios, que se desenvolvem em uma sequência linear com identidade própria e que é a voz principal, a que dá sentido a uma composição. As canções infantis que constituem o Cancioneiro Popular Infantil têm melodias nos campos harmônicos maiores, o que impulsiona o indivíduo a uma resposta emocional positiva.

Estas canções já foram utilizadas pela autora, em sessões de musicoterapia com crianças na primeira infância e mostraram respostas tanto para o elemento

musical ritmo, quanto para melodia. Por exemplo, em uma sessão realizada com uma criança de dois anos em uma clínica de reabilitação, foi possível observar que o paciente mostrou-se sorridente com as atividades musicais proposta pela musicoterapeuta e apreciou muito o som do violão durante canções infantis oferecidas. Começou a explorar o ritmo nos tambores tocando algumas vezes junto com o ritmo da canção e mostrando-se alegre ao som do tambor quando tocados com os dedos de maneira fraca e ascendendo à intensidade da batida. A partir daí, começou a produzir entonações vocais.

Cunha et. al (2007) descreve que a partir dos elementos sonoros a expressão musical, verbal e corporal manifestadas, passam a serem os pontos de partida para a ação musicoterapêutica e que esta ação tende a considerar a realidade da condição física, social e psíquica das pessoas. Percebe-se que a intervenção musicoterapêutica abrange os extremos do desenvolvimento de pessoas e que para Cunha et al., é na interação mediada pela música que o musicoterapeuta e os sujeitos participantes tornam-se sujeitos da ação. Contudo, segundo a autora, “essa prática se preocupa em trazer à consciência da pessoa a sua dimensão sonora a partir de interações mediadas pela linguagem musical, ou seja, a manifestação musical do sujeito torna-se o principal elemento interpretativo de sua subjetividade”. (p. 22)

Assim, a experiência musicoterapêutica constrói conexões com a realidade das crianças e neste momento, o acesso ao subjetivo manifesta-se em forma de som, movimento, emoção, lembranças. Isso significa que: “implicados nessa troca, musicoterapeuta e participantes ampliam limites, progredem na expressão da musicalidade.”. A partir desses pensamentos de Cunha et al. (2007, p. 23), os resultados manifestados são observados quando “a resposta musical da pessoa é reveladora de pautas identitárias, da dinâmica afetiva, do processo cognitivo e das possibilidades de movimentação e expressão corporal dos participantes.”. As experiências musicoterapêuticas se constroem a partir de dinamizar os elementos musicais, em uma manifestação em que a música é a ação, o fazer do indivíduo.

REFERÊNCIAS

ALTENMÜLLER, E., & Schlaug, G. Apollo's gift: new aspects of neurologic music therapy. **Prog Brain Res.** 217: 237-252. doi:10.1016/bs.pbr.2014.11.029 – 2015.

BRUSCIA, K. **Definindo musicoterapia.** Enelinvros: Rio de Janeiro. 2000.

CUNHA, Rosemyriam. Musicoterapia: uma prática clínica. **Anais do IX Fórum Paranaense de Musicoterapia.** 2007. Acessado em: 02/02/2017. Disponível em: <https://www.amtpr.com.br/2007> .

WILLEMS, E. **Introduccion a La Musicoterapia.** Sociedade Argentina de Educação Musical. Buenos Aires, 1975.

_____ **El Ritmo Musical: Estudio psicológico.** Editorial Universitária de Buenos Aires. Buenos Aires, 1954.